



Imperfeitos

RECOMEÇOS
LIVRO II

DA MESMA AUTORA DE MAIS QUE AMIGOS

LAUREN LAYNE

LAUREN LAYNE

Imperfeitos

RECOMEÇOS — LIVRO II

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

B I
B I
B I
B I

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Para Nicole Resciniti e Sue Grimshaw, meus campeões.

Prólogo

MICHAEL

Faz seis meses que troquei Manhattan por Cedar Grove, Texas.

Faz seis meses que troquei ternos Armani por jeans Levi's, mocassins Gucci por botas de caubói, e uma cobertura na Quinta Avenida por um estúdio minúsculo em um porão.

Faz seis meses que deixei Wall Street para trás e fui ser lacaio de clube de campo e, de vez em quando, bartender.

Faz seis meses que aprendi que Michael St. Claire é uma mentira. Que o sangue St. Claire não corre pelas minhas veias. Meu primeiro nome ainda me pertence. Mas o meu sobrenome é pura fachada. Foi imposto a mim pela infidelidade descuidada de uma mulher e o orgulho de um homem.

Um homem que não é meu pai.

Faz seis meses que traí meu melhor amigo.

Seis meses que me afastei dela. Não. Que ela se afastou de mim.

E mais que isso... Mais que tudo isso...

Faz seis meses que não me importo.

Com nada.

1

MICHAEL

“A parte de trás da sua camisa está pra fora.”

Viro-me com um sorriso torto de gratidão para a loira que acabou de sair do banheiro unissex das quadras de tênis do Clube de Campo Cambridge.

Ela dá uma risadinha enquanto passa a mão pela saia, alisando-a sobre as coxas bronzeadas e tonificadas. “Nem acredito que deixei você me convencer a fazer isso num banheiro público.”

Sei. Até parece. Não convenci Mindy McLaughlin a nada. Tudo, da localização à posição, foi ideia dela.

Mas não falo nada.

Se aprendi alguma coisa em meu primeiro mês como professor de tênis de ricos e ricos, é que mulheres mais velhas não gostam de ser lembradas de que são as responsáveis pela parte da caça.

Dou uma piscadela para ela enquanto enfio a camisa para dentro da calça, antes de passar os olhos pelas quadras para me certificar de que não temos nenhuma testemunha para o fato de que passamos os primeiros vinte minutos da aula de uma hora trepando apoiados na parede da cabine do banheiro.

Por sorte, é quase meio-dia e está quente pra caramba. A maior parte das pessoas frequenta as quadras de manhã ou nem aparece.

Mindy me segue até os bancos, onde recuperamos nossas raquetes. “Vamos terminar?”, pergunto.

Ela solta uma risadinha baixa e passa as unhas pintadas de rosa pela minha polo branca. “Achei que já tínhamos terminado.”

Ignoro isso e levanto a bola de tênis de forma interrogativa.

“Está quente”, ela choraminga.

Está mesmo. Quente demais para jogar tênis. Ainda restam quarenta minutos de aula, mas não fico surpreso que Mindy queira desistir. Ambos sabemos que ela não veio para jogar.

E não me importo. Odeio tênis. Só trabalho nas quadras três dias por semana, e minhas aulas ficam lotadas de mulheres que provavelmente jogam melhor do que eu.

Sou só razoavelmente decente no tênis porque, antigamente, eu era o aluno mimado, e não o professor. Mas não gosto de tênis. Não sou como os outros babacas que trabalham aqui e ficam se gabando de que poderiam ter se tornado profissionais.

Sei muito bem que não fui contratado graças às minhas habilidades no esporte. Cresci no Upper East Side de Manhattan e aprendi cedo que mulheres casadas da indolente classe alta se entediam com facilidade. E em geral elas lidam com o tédio transando com outros homens que não os maridos.

Para minha sorte, durante a maior parte da minha vida me mantive alheio ao fato de que minha própria mãe se incluía na categoria de donas de casa infiéis.

A ignorância realmente é uma bênção.

Mas quando ela acaba...

O inferno vem à tona.

“Mesmo horário semana que vem?”, Mindy pergunta, vindo na minha direção e erguendo o rosto.

Sei o que quer. Um beijo que não tenho nenhuma intenção de dar.

Desvio-me para deixar a raquete e a bola no banco.

“Posso te pagar uma bebida?”, ela pergunta, fazendo um alongamento desnecessário, que só serve para que sua blusa branca fique esticada por cima de seus peitos enormes — e definitivamente falsos.

Pelo mais breve momento, fico surpreendentemente entediado, mas me forço a abraçar o tédio.

“Não, obrigado. Tenho outra aula depois.”

“E amanhã? Estava pensando em fazer mais uma aula por semana. Pra não perder o jeito.”

Minha nossa. Sério?

“Não posso”, digo. “Vou trabalhar na academia amanhã. Eu alterno as aulas de tênis com o trabalho de personal trainer.”

Gosto muito mais da segunda opção, porque envolve ar-condicionado.

Os olhos de Mindy se iluminam em uma mistura de interesse e competitividade. “Conheço alguma das suas alunas?”

Metade deve ser do clube do livro, do grupo de estudo da Bíblia ou da associação de caridade dela.

Transei com boa parte delas também, e é óbvio que Mindy McLaughlin quer conhecer a concorrência.

“Bom”, ela diz, inclinando-se para a frente quando não respondo. “Se decidir tirar uma folguinha, já sabe pra quem ligar.”

“Claro”, digo, com um olhar lânguido que sempre agrada as mulheres.

Bom, com exceção de uma. A única que importava.

Em geral, eu ficaria mais do que satisfeito em me atrasar para a próxima aula para dar mais um trato em Mindy e ajudá-la a esquecer que é casada com um juiz influente e barrigudo.

Mas ela tem uma desvantagem intransponível hoje.

Porque hoje é quarta-feira.

E, às quartas, tenho uma aluna que desejo mais do que Mindy McLaughlin.

Depois de mais algumas investidas malsucedidas, Mindy finalmente desiste, ainda que eu saiba que semana que vem ela vai voltar com tudo. Saia mais curta, batom mais forte, convites mais descarados.

Olho para a bunda dela apenas por hábito quando vai embora, enquanto passo a toalha no rosto e mato uma garrafa de água em três goladas.

Uma última aula antes de escapar para o Pig and Scout, o bar em que trabalho algumas noites da semana. Em geral, conto as horas para ir para lá. É uma folga bem-vinda dessa pretensão toda.

Mas hoje...

Hoje é quarta. E, às quartas, não tenho tanta pressa.

Apesar do que os outros caras acham de suas habilidades, sei que o intuito dos professores de tênis do clube é agradar as

mulheres. É esperado que sejamos musculosos, ligeiramente perigosos e pouco apegados à moral.

Não tenho nenhum problema com isso, especialmente a última parte, ainda que canse um pouco com o tempo.

Minha hora semanal com Kristin Bellamy faz tudo valer a pena.

De canto de olho, eu a noto se aproximando, mas não me viro para olhá-la de propósito, mesmo com discrição.

Mulheres de quarenta e dois anos como Mindy McLaughlin estão sempre com medo de perder a beleza. Precisam da confirmação de que ainda são notadas.

Mas garotas de vinte e dois anos como Kristin Bellamy *sabem* que são bonitas.

O truque para fazê-las balançar é deixá-las se perguntando se você as notou.

“Oi, Michael.”

Viro-me para olhá-la, mantendo a expressão indiferente.
“Kristin.”

É, eu com certeza a notei.

Ela está usando um top branco e uma minissaia de tênis também branca. Tenho certeza de que o clube tem algum tipo de regra que exige que os sócios usem um pouco mais de roupa, mas, considerando que este lugar é administrado por um bando de velhos babões, duvido que vão mandar Kristin cobrir a barriga bronzada e torneada e os peitinhos arrebitados.

Meus olhos não se demoram em seu corpo, voltando logo ao rosto. Kristin não parece se importar com o fato de eu não ter dado uma conferida nela.

Estamos nesse jogo há semanas.

Não tenho ideia de quem está vencendo.

Mas sei onde vai terminar: na cama. Ou onde for.

Kristin é a primeira garota por quem me interesse — de verdade — desde Olivia Middleton, a única mulher que de fato quis na vida e, definitivamente, a única que amei.

Não tenho nenhuma intenção de me apaixonar por Kristin. Não planejo passar por aquilo de novo.

Mas o desejo existe. E não só porque ela é gata. Kristin está ligada à própria razão de eu ter vindo para o Texas.

“Vi Mindy no caminho pra cá”, ela diz, dando uma giradinha na raquete ao se aproximar. “Foi tudo bem na aula? Ela pareceu meio irritada.”

Jogo a toalha de lado e dou de ombros. “Está quente. Todo mundo fica à flor da pele.”

“Está mesmo”, ela concorda, apoiando a raquete no banco para prender o cabelo escuro e comprido em um rabo de cavalo alto. “Foi difícil até me vestir hoje de manhã.”

E olha que você mal está vestida, é o que tenho vontade de dizer. Mas não digo. Só finjo não notar a maneira como sua postura atual destaca as curvas da sua cintura.

Kristin não tem nada a ver com Olivia. É uma morena de olhos castanhos e intrigantes, enquanto Olivia é loira e tem olhos verdes e ternos. Mas ambas têm a mesma combinação de doçura e altivez, o mesmo corpo em forma das garotas ricas, o mesmo sorriso tímido e confiante.

Kristin passa a ponta dos dedos distraidamente sobre o abdome nu. Quase sorrio diante desse gesto tão óbvio.

Ao mesmo tempo que quero puxá-la para mim e lhe dar o beijo que está pedindo tão descaradamente, também quero baixar a bola dela. Dizer que ela não é nada para mim, mas talvez represente uma chance de me redimir do meu passado, a chave que me falta para meter o pé na porta do meu futuro.

Kristin Bellamy não é nada além de um lembrete da sensação de desejar alguém.

“Podemos começar?”, pergunto.

“Claro”, ela diz, jogando o cabelo preso por cima do ombro. “Vou ser capitã do time ano que vem. Preciso treinar muito.”

“É seu último ano?”, pergunto, ainda que não esteja nem aí.

“É”, ela confirma.

Alguém dá uma risadinha desdenhosa atrás de mim. Fico surpreso ao me dar conta de que não estamos sozinhos.

“O segundo último ano”, diz a recém-chegada, acomodando-se no banco como se fosse seu lugar.

“Como assim?”, pergunto, ainda tentando entender de onde foi que a garota apareceu.

Ela acena com a cabeça na direção de Kristin. “Ela já fez o último ano. E vai fazer de novo.”

Viro-me para Kristin e noto que dirige um olhar mortal à outra.

As duas claramente se conhecem.

Volto a olhar para a recém-chegada. Deve ter a idade de Kristin, mas é completamente diferente dela. Tem um livro ao seu lado no banco, mas no momento suas mãos estão ocupadas com um pacote de M&M's. Ela pega um e joga na boca, enquanto seus olhos vão e voltam de mim para Kristin, como se

acompanhasse uma partida do esporte mais fascinante do mundo.

“Que gracinha”, a garota diz, apontando para nós. “Se vocês dois transarem, vou ligar pra Pampers e avisar que já sei de onde vai sair seu próximo modelo de fraldas.”

“Amiga sua?”, pergunto a Kristin.

Ela suspira. “Irmã.”

Irmã?

Sem acreditar, olho mais de perto para a criatura devoradora de chocolate.

Diferente do rabo de cavalo liso e escuro de Kristin, o cabelo dela é um amontoado de cachos selvagens, meio castanho, meio dourado, talvez com um toque de ruivo.

A garota tem olhos tão grandes quanto os da irmã, só que de alguma forma parecem maiores nela, e são azuis em vez de castanhos. Também tem os lábios carnudos de Kristin, mas parecem gritantes demais nela. E, enquanto a irmã está no limite da magreza, a outra é voluptuosa.

“Eu sei, eu sei”, ela diz, com voz abatida, virando o pacote de M&M’s na mão e devorando os que restavam. “Sou a irmã bonita. Mas não diga a Kristin. Ela está cansada de ouvir isso.”

Ouçó outro suspiro leve de Kristin. “Michael St. Claire, esta é Chloe Bellamy. Minha mãe insistiu que minha irmã viesse comigo, na esperança de que no próximo verão ela queira participar de algum tipo de atividade do clube.”

“Hum, você não me viu acabando com aquela máquina de doce?”, Chloe pergunta, lançando um olhar incrédulo à irmã.

“Se mamãe me visse atrás de um lanchinho no meio da noite, teria noção de quão ativa posso ser.”

Seguro a vontade pouco familiar de sorrir, embora já tenha sacado essa garota por completo.

Sua silhueta curvilínea não é bem-vista — não em lugares como este, onde pessoas jantam talos de aipo. Mas ela é esperta e tira sarro do próprio peso antes que outros o façam.

A irritação domina o rosto de Kristin. Antes que ela abra a boca, pigarreio, esperando impedir uma briga entre irmãs. “Pronta?”, pergunto.

Depois de um último olhar de aviso à irmã, Kristin sorri para mim. “Pronta. Mas pega leve comigo... Não jogo desde nossa última aula na semana passada.”

“Você passou a semana inteira sem tentar acertar uma bola verde felpuda? Por que, meu Deus? Por quê?”, Chloe diz de forma dramática e desesperada. “Por que a vida é tão difícil?”

Kristin inspira lenta e profundamente. É algo treinado, como se já tivesse feito isso para lidar com a irmã irritante.

Não tenho irmãos, mas cresci com Ethan e Olivia, e sei que algumas vezes o melhor jeito de impedir uma briga é fingir que a outra pessoa não está ali.

Kristin passa a mão nos fios de cabelo perto da têmpora, os quais estão enrolando um pouco em meio ao calor da tarde. É gracioso. Não como os cachos da irmã, que parecem... descontrolados.

Ela vai para um lado da rede enquanto vou para o outro, ignorando o assovio de Chloe quando passo.

Pego uma bola do bolso e a arremesso com tranquilidade por cima da rede. Kristin se posiciona para devolvê-la na minha direção de forma quase perfeita.

Isso continua por alguns minutos, até que ouço um ronco falso vindo do banco na lateral.

Kristin para por um momento para olhar a irmã. Quando a bola passa batido por ela, vejo que faz uma careta.

Não é exatamente o joguinho de sedução pelo qual eu estava esperando.

Como não posso fazer a irmã irritante ir embora, concluo que a melhor atitude a tomar é incluí-la na conversa para que não fique importunando minha aluna.

“Você joga tênis, Chloe?”, pergunto enquanto pego outra bola e saco, mais forte agora.

“Pareço alguém que gosta de se exercitar?”, ela retruca, com uma voz animada.

“E quando era mais nova? Chegou a fazer aula?”

“Hum, não”, Chloe diz, com a boca cheia. Agora tem uma barra de chocolate nas mãos. “Alguns de nós preferem ler Harry Potter, como crianças normais.”

“Ignora”, Kristin diz, ríspida, mandando um forehand forte na direção da irmã.

Passa longe, mas imagino que tenha sido de propósito.

Chloe parece entender o recado, porque sossega e fica só lendo nos minutos seguintes. Quase esqueço que está aqui, mas fica impossível com seus gritos ocasionais para que eu me agache ou dê “uma volta bem lenta” para que possa ver “a parte boa”.

Esforço-me para ignorar.

Não é fácil.

O saque de Kristin está desleixado hoje, e desconfio que tem alguma coisa a ver com a presença da irmã, mas não reclamo. Assim tenho a oportunidade de tocá-la enquanto corrijo sua postura.

“Você está usando pulso demais”, digo, pegando a bola que ela acabou de jogar. “Vamos treinar isso.”

Começo a ir para o outro lado da rede. Nossos olhares se encontram no caminho, mas então ela mira algo acima do meu ombro e é dominada pela surpresa antes que um enorme sorriso tome conta de seu rosto.

“Devon!”

Congelo por uma fração de segundo, enquanto o nome se fragmenta na minha mente. É possível que haja outros Devon, claro, mas é pouco provável.

E o Devon que conheço está namorando Kristin Bellamy.

E é por isso que estou atrás dela.

Viro-me devagar, esperando para dar uma primeira olhada em um dos motivos que me trouxeram a Cedar Grove. Mas, ainda que achasse que estava preparado, suas feições ainda me chocam.

O garoto é a cara de Tim Patterson.

Me dou conta de que não estava morto por dentro, como andei pensando nos últimos meses.

Observo enquanto os braços de Kristin envolvem o pescoço de Devon, e aperto os dedos na raquete.

Espero por uma pontada de ciúme.

Não sinto nada.

Este sempre foi o plano: usar Kristin para me aproximar de Devon.

E, então, usar Devon para chegar a Tim.

Deixo que tenham seu momento. Estou trabalhando no longo prazo. Não preciso apressar as coisas.

Quando vou pegar uma garrafa de água, meus olhos sem querer encontram Chloe Bellamy, a irmã bocuda e desalinhada.

Eu paro.

A garota sarcástica de alguns minutos atrás, que não estava nem aí e gritava comentários espertinhos, foi embora.

Seus olhos estão fixos no namorado da irmã, e a expressão em seu rosto me é dolorosamente familiar.

Sei bem do que se trata.

Melhor do que gostaria de admitir.

Chloe Bellamy está apaixonada pelo namorado da irmã. Tenho uma ideia bem boa da merda que vai ser para ela.

Chloe desvia os olhos dele e encara o livro, sem realmente ler. Então fecha os olhos.

Volto a olhar para o casal, que agora está se beijando. A raiva começa a crescer, misturando-se com o ciúme e fazendo uma pontada quente de ressentimento se alojar no meu peito.

Racionalmente, sei que estou olhando para Kristin e Devon, não Ethan e Olivia.

Mas dá no mesmo.

O casal perfeito que não enxerga as pessoas à sua volta.

Só que, dessa vez, não é o cara que é como um irmão para mim que está com a garota.

É meu irmão de verdade.

Meus olhos voltam a Chloe.

Talvez Kristin não seja o único meio de chegar a Devon, no fim das contas.

2

CHLOE

Sou apaixonada por Devon Patterson desde os oito anos.

E sei o que você está pensando...

Que eu nem tinha hormônios aos oito, então não era paixão de verdade ou atração de verdade.

Mas era, sim.

Eu o amo.

E sei que ele poderia me amar também, se ao menos olhasse para mim.

Mas quer saber? Não posso nem culpar Devon por não me notar.

Deve ser difícil prestar atenção em outras pessoas quando você está com a língua da princesa da Disney dentro da sua boca.

Quer dizer, quem quer a coadjuvante divertida quando pode ter a heroína?

E Kristin é esse tipo de pessoa. Ou pelo menos pensa que é. A heroína de qualquer história.

Até dos outros.

Como se lesse minha mente, Devon se afasta desse beijo de reencontro e se junta ao mundo dos vivos, habitado por pessoas

de verdade que não têm cílios do tamanho de morcegos e a medida de cintura de uma criança.

Mas, na verdade, não é justo pegar só no pé de Kristin por ser tão deslumbrante.

Das quatro pessoas nesta maldita quadra de tênis, sou a única que não é absolutamente linda.

Pega o Devon, por exemplo. Loiro. De olhos azuis. Maxilar perfeito. Alto, mas não demais. Musculoso, mas não bombado. Delícia.

Quanto ao novo professor de tênis... nem sei o que dizer dele.

Minha primeira impressão? Que cara gostoso. É óbvio que foi contratado por isso, e não porque acerta a bola dez vezes em dez tentativas.

Não, certeza que é pela maneira como o bíceps estica a polo do uniforme do Clube de Campo Cambridge, e o jeito como sua pele bronzeada contrasta perfeitamente com o branco do tecido.

Isso e a carranca de bad boy que só pode ser de propósito. Talvez até treinada.

O cara é maravilhoso. E Kristin notou isso.

Volto a olhar para Devon, que agora está colocando atrás da orelha da minha irmã uma mecha de seu cabelo sempre sedoso. Ambas temos cabelo ondulado, mas o de Kristin é do tipo que com o secador se transforma em puro brilho acetinado. Diferente das minhas molinhas, cada uma se comportando como um adolescente rebelde.

Está claro qual versão Devon prefere.

E o Gostosão também, dada a maneira como praticamente despiu minha irmã com os olhos quando achou que ela não

estava olhando.

Gostei disso nele. A maneira como ele não permitiu que ela soubesse que ele estava olhando. É tudo um jogo, mas o cara segue as próprias regras.

Mas quem se importa com ele?

Alto, moreno e ensimesmado não faz o meu tipo.

Prefiro loiro, sorridente e bonzinho.

Como Devon Patterson.

Já falei que o amo?

Devon se descola da boca cheia de gloss cor-de-rosa de Kristin por tempo bastante para apertar a mão de Michael. Qualquer outro cara estaria avaliando a concorrência — quer dizer, há uns três minutos minha irmã estava dando ao professor de tênis todo tipo de sinal. Mas Devon abre um sorriso amistoso para o cara que estava encarando a bunda da sua namorada.

Eu me pergunto se ele faz ideia de que a tal namorada não é imune ao apelo sombrio estilo “vivo de desvirginar mocinhas inocentes” de Michael St. Claire.

Não. Devon sabe que é perfeito. Não vai se preocupar com um professor de tênis metido a durão com bíceps exagerados.

Finjo voltar ao meu livro enquanto Devon informa a Michael que, apesar da modéstia, Kristin joga tênis pela universidade. Seu rosto fica ainda mais bonito vermelho. Ela finge que não é nada de mais, como se já não tivesse contado a Michael, em detalhes excruciantes, sobre suas ilustres habilidades no tênis.

Kristin gosta de fingir que foi por causa de sua “carreira” no tênis que ela não se formou em quatro anos. Nossos pais nunca pareceram se atentar ao fato de que talvez tivesse algo a ver com

ela ter mudado de curso sete — sim, sete — vezes antes de se decidir por francês.

Kristin só sabe usar uma língua para beijar, mas ela é tão bonita que ninguém parece notar. Ou ligar.

Enquanto isso, vou me formar adiantada em biologia e economia. Não é uma combinação óbvia, mas, bem, uma garota precisa ter várias opções, principalmente quando o casamento não está esperando na esquina.

Meu pai tem orgulho de mim.

Minha mãe... bom, ela também. Só acho que gostaria que eu fosse uma graduada magra.

Eu também.

Mas nada disso importa.

O que importa é que eu estava contando com ter a faculdade só para mim no último ano. A Universidade Davis é pequena, e ter minha linda e encantadora irmã um ano à frente nos estudos e anos-luz à frente em popularidade meio que cansou.

Mas então a gracinha soltou a bomba de que ainda precisava completar umas duas dúzias de créditos para se formar.

Meus pais nem piscaram.

Eu? Tomei um pote inteiro de Häagen-Dazs. E olha que sou mais Ben & Jerry's.

Foi ruim assim.

“Chlo?”

Tiro os olhos do livro que não estou lendo e vejo Devon vindo na minha direção.

Meu coração pula.

Eu sei.

Péssimo.

Fico até com vergonha.

Só que não.

Devon me levanta do banco com um abraço de urso, e eu cheiro seu pescoço. Só um pouco, sem tirar os olhos de Kristin, para ter certeza de que ela não nota. Minha irmã mantém seu belo sorriso no rosto, toda confiante de que a gorducha da Chloe não representa ameaça.

E está certa.

Meus olhos correm para o Gostosão. Ele parece ter notado que o cheiro do perfume de Devon está me deixando vermelha e que eu me agarro nele um pouco mais forte do que seria apropriado.

Michael St. Claire levanta uma sobrancelha como se compreendesse tudo. Desvio os olhos antes de me afastar do abraço de irmão mais velho de Devon.

“Parabéns pela formatura”, digo, dando um soquinho amistoso e desengonçado no ombro dele.

De canto de olho, noto que o Gostosão revira os olhos.

Eu o ignoro.

Algumas semanas atrás, Devon se formou na UCLA. Não fui à cerimônia, claro. Esse direito estava reservado à família e à namorada, mas senti orgulho dele mesmo de longe. Devon é da idade de Kristin, que tem um ano a mais que eu, mas, diferente dela, conseguiu se formar no tempo normal.

Estou feliz que tenha voltado ao Texas. De acordo com Kristin, vai ficar aqui de vez, porque planeja trabalhar na empresa do pai.

Fico me perguntando o que aconteceu com seu antigo sonho de estudar direito na Costa Leste. Ele deve ter mudado de ideia. Deus sabe que é inteligente e charmoso o bastante para fazer o que quiser com a própria vida. Devon pode ter sido exatamente o que se espera de um quarterback na escola, mas também foi orador da turma.

Dá para ver por que é impossível não amar o cara.

Só que me apaixonei por ele antes de qualquer outra garota.

Já estava apaixonada quando ele era um fracote no quarto ano e eu era uma gorducha no terceiro, e trocávamos livros no parquinho antes de correr cada um para sua classe.

Amo Devon Patterson desde antes de ele ser popular.

Desde antes do estirão no oitavo ano, da dermatologista cara que deu um jeito em suas espinhas, do aparelho ortodôntico que transformou seu sorriso torto em um comercial de pasta de dente.

“Valeu, Chlo”, ele diz, sorrindo. “Você está ótima!”

“Até parece”, digo, em resposta a seu elogio generoso demais. Perdi dois quilos durante as provas finais, mas sei que já estou no caminho para recuperá-los, e provavelmente ainda ganhar mais alguns.

Em um bom dia, sou cheia de curvas.

Em um dia ruim, sou gordinha.

A maior parte dos dias é ruim.

Mas Devon nunca pareceu notar. E é claro que também nunca se interessou por mim.

“É verdade”, ele insiste. Antes que eu possa desfrutar do elogio e talvez conseguir mais um, Devon já mudou de assunto.

“Ei, Kristin e eu vamos tomar uma cerveja no bar. Quer vir também?”

Hum, não.

Odeio cerveja. Aprendi isso do pior jeito no meu aniversário de vinte e um anos, alguns meses atrás.

Mais do que isso, odeio a ideia de Devon me convidar por pena. E, mesmo se quisesse ficar vendo ele e minha irmã fazendo carinho um no outro no meio do clube (não quero), ela já está fazendo aquela cara para mim.

A que diz “quero ficar um pouco sozinha com meu namorado”.

E, ainda que às vezes Kristin me deixe louca e eu esteja secretamente apaixonada por seu namorado... ela ainda é minha irmã.

Sei qual é o meu lugar.

“Não, estou bem aqui”, digo para Devon, com um sorriso. “Encontro vocês depois.”

“Desculpa encurtar a aula”, Kristin diz para Michael, sorrindo.

“Não tem problema”, ele diz, seco. “Te vejo na quarta.”

Observo Kristin e Devon irem embora na direção do bar de mãos dadas antes de desviar o rosto e pego meu livro. Pelo menos agora não preciso mais fingir que vou absorver por osmose o gosto da minha irmã por exercícios e posso ir ler no ar-condicionado.

Sinto que alguém me olha. Tento suportar o desconforto ao ver Michael me encarando com uma expressão sombria e incompreensível no rosto enquanto guarda suas coisas na mala.

“Não vai dar certo, por mais que queira. Você e o namorado da sua irmã.” Sua voz sai quase enfadonha, como se estivesse discutindo o tempo, e não o amor da vida de uma garota que ele nem conhece.

“E o que você sabe sobre isso?”, resmungo, tirando o cabelo do pescoço para fazer um coque bagunçado no topo da cabeça. Estou com calor e rabugenta demais para me fazer de boba.

“Mais do que imagina.” Ele coloca a alça da mala no ombro e continua me observando.

“Ah, tenho certeza de que você já enfrentou todo tipo de problema com as mulheres. Quer dizer, com esse corpo repulsivo...”, digo, com um aceno geral para aquela perfeição escultural. “E aposto que as mulheres odeiam essa *vibe* ‘fica longe que eu sou perigoso’.”

“Você ficaria surpresa. Nem sempre é questão de aparência.”

Olho para ele por cima do ombro como quem diz “ah, fala sério” antes de partir na direção da sede do clube.

É sempre uma questão de aparência. Só gente bonita nega isso.

Perto da lareira tem uma poltrona confortável que já é praticamente minha por direito. Ninguém nem nota esse canto da sede no verão, quando tudo é piscina e pátio. É o lugar perfeito para se esconder do mundo.

E por mundo quero dizer minha irmã, minha mãe e meu pai, que gostam de me obrigar a fazer coisas como jogar golfe em família quando nós duas voltamos para casa durante o verão.

“Você não vai nem tentar?” A voz do Gostosão me detém antes que eu consiga me retirar para minha caverna da leitura.

Controlo a onda de irritação e me viro para encará-lo. “Tentar o quê?”

“Conquistar o cara.”

“Olha aqui, Gostosão”, digo, com um suspiro exasperado. “Obrigada por tentar ajudar a gordinha, mas para com isso, tá bom? Você considerou a situação por uns dezesseis segundos. Eu estou considerando há dezesseis anos. Caras como ele não se apaixonam por garotas assim.” Aponto para mim mesma.

“Não é questão de aparência”, ele repete.

“Não começa com essa bobagem de novo.”

“É questão de confiança.” Ele se coloca à minha frente. “Você age como se tivesse muita, dando uma de espertinha, mas por dentro está morrendo de medo.”

Sinto minha espinha formigar de nervoso.

“Estou bem desse jeito”, disparo.

“Tenho certeza disso. Quantos anos você tem, vinte?”

“Vinte e um.”

Ele larga a mala. “Não me leve a mal, mas você é jovem demais para não estar em forma.”

A mágoa toma conta de mim. Sei que não sou magra, mas isso dói. Quero dizer umas verdades a ele.

Mas, antes que consiga, uma mão enorme tapa minha boca. Nossos olhares se encontram enquanto ele impede fisicamente que eu retruque. “Note que eu não disse ‘magra’, mas ‘em forma’. Saudável. Não estou falando de balança, mas disto aqui. De assumir o controle da sua vida.”

Ele leva o indicador à minha têmpora brevemente antes de deixar o braço cair. Eu me sinto estranhamente sem ar, ainda

que não saiba se é porque estou ultrajada por ele ter cruzado tão descaradamente os limites do que é apropriado ou porque fazia muito, muito tempo que ninguém me tocava.

Fico irritada por não ser imune ao seu calculado jeito de vagabundo.

Mas o que me incomoda mesmo é que ele sabe. Sabe o que eu nunca disse a ninguém.

Que não me sinto no controle da minha vida.

“Cai fora, Yoda”, digo.

Ele dá de ombros e se afasta. Então maldita seja eu e minha boca grande, porque as palavras saem antes que eu possa impedir.

“Se eu quisesse seu conselho...”

Ele se reaproxima. Não sorri, mas é claro que noto o leve brilho de vitória em seus olhos.

Que seja.

Vou deixar que desfrute do triunfo se puder me ajudar a encontrar essa confiança de que ele fala.

Na maior parte do tempo, gosto de mim como sou.

Tenho orgulho de ser inteligente e engraçada, e de defender aquilo em que acredito. Mas não me importaria de achar outra válvula de escape para o estresse e o coração partido além do chocolate. Só para situações de emergência, sabe? Só para aqueles momentos em que você se dá conta de que o resto do mundo não preza suas qualidades da maneira como seu coração diz que deveria.

“O que você faz às sete horas em dias de semana?”, ele pergunta.

“Hum, normalmente janto com minha família.”

O Gostosão revira os olhos. “Às sete da manhã.”

“Ah. Nesse caso, normalmente estou no spinning. A menos que o pilates atrase”, digo, impassível. Ele me encara em silêncio até que eu ceda. “Tá, eu durmo.”

“Não mais. Amanhã você vai me encontrar na academia do clube.”

Olho para ele, que olha para mim. Então o filho da mãe abre um sorriso, um de verdade, e depois dá risada.

“Você devia ver sua cara de ódio”, ele diz.

“Acredita em mim: é sincera”, resmungo.

“Me dá uma semana, Chloe. É o horário nobre de um personal trainer, mas vou reservar esse horário pra você.”

“Por quê?”

Seu sorriso vacila, então desaparece por completo.

Ele não me responde, mas, quando finalmente volto ao livro dez minutos depois, algo está muito claro pra mim: Michael St. Claire pode estar me ajudando, mas tem seus motivos.

Se vai fazê-lo, é por si mesmo.

Só não sei com que objetivo.

3

MICHAEL

Lá em Nova York está cheio de gente que me odeia até a medula.

Não tenho dúvida de que estão falando um monte de merda pelas minhas costas.

Mas quem precisa delas?

Já tenho Chloe Bellamy para dizer na minha cara que não presto.

“Sabe o que é isso?”, ela diz, arfando. “Elitismo atlético. Vocês que são naturalmente atléticos levantam a cenoura da saúde na frente do restante de nós, que concluímos que se quisermos passar dos trinta e dois anos temos que correr atrás dela, mas é tudo um truque.” Ela continua arfando. “Vocês só querem ver a gente estrebuchar enquanto nos forçam a correr.”

Olho para o painel da esteira: sete quilômetros por hora. Quatro minutos se passaram. “Chloe, isso é só o aquecimento.”

Ela ofega toda exagerada e tenta ajustar os controles, mas afasto sua mão. “Só mais um minuto. Temos que chegar aos cinco de bombeamento cardíaco constante.”

“Tá mais pra ataque cardíaco”, Chloe diz.

Reprimo um sorriso diante do melodrama. Se eu achasse que estivesse mesmo com dificuldade, faríamos um intervalo. Mas,

antes de aceitar o trabalho no Cambridge, passei seis meses acompanhando um personal trainer em uma das maiores academias de Dallas — tempo bastante para saber quando alguém está extenuado e quando é só “antimovimento”, como gosto de chamar.

Chloe definitivamente está na segunda categoria.

Ainda que eu ache que deveria estar aliviado por ela estar usando roupa de academia.

Novinha, ao que parece.

A maior parte das garotas que conheço prende o cabelo para se exercitar, mesmo não se tratando da nuvem de cachos descontrolados de Chloe. Mas o cabelo dela pula solto, em toda a sua glória selvagem.

Eu poderia sugerir que fizesse alguma coisa com ele, mas nem me dou ao trabalho, porque (a) ela não vai escutar; (b) é cabelo. Não estou nem aí.

Quando Chloe para a esteira ao fim dos cinco minutos, me dou conta de que me importo, sim.

A porcaria do cabelo vai ser uma grande dificuldade.

“Pausa pra água?”, ela pergunta, esperançosa.

Aponto para sua cabeça. “Rabo de cavalo.”

Ela a inclina. “Oi?”

“Seu cabelo. Prende.”

Chloe desdenha, lançando-me um olhar incrédulo. “Sabe, ontem achei que você tinha uma coisa meio macho alfa rolando. O olhar furioso, os bíceps, a falta de habilidade na conversa... Mas é melhor tomar cuidado. Se falar ‘rabo de cavalo’ assim em

público, essas donas de casa vão levar o negócio delas para campos menos metrossexuais.”

Cerro os dentes.

Ela quer um macho alfa?

Tudo bem.

Sem dizer nada, viro-me de costas, passando pela fileira de esteiras, elípticos e pesos para chegar à recepção.

Demi, a gatinha que está no balcão, pula de surpresa quando abro a gaveta atrás dela, revirando os materiais de escritório até encontrar o que procuro.

“De nada!”, ela grita.

Volto às esteiras, esperando que Chloe esteja olhando em volta nervosa, à minha procura, o que é claro que não acontece. Essa garota é... nem sei se consigo pensar em uma palavra para alguém tão diferente.

Chloe Bellamy é diferente.

E com isso quero dizer que poderia estrangulá-la, e não que estou intrigado.

Chloe encontrou o caminho até um dos aparelhos e agora está conversando com um cara loiro que mal parece ter idade para se barbear, mas definitivamente é maduro o bastante para apreciar os elogios de uma garota mais velha.

Ainda que tal garota esteja com o rosto todo vermelho do aquecimento e toda descabelada.

Chloe solta uma risada longa e tempestuosa, e eu o observo mostrando os músculos, provavelmente a pedido dela. Quando chego perto deles, posso jurar que ela está apertando os bíceps do garoto.

“O que está acontecendo aqui?”, pergunto.

Chloe não parece nem um pouco abalada com meu rosnado e me lança um sorriso. “Este é Caleb. Dá pra acreditar que está no penúltimo ano da escola? Quer dizer, olha só pra...”

Agarro o braço dela com firmeza e a puxo para longe.

“Qual é o seu problema?”, Chloe murmura, virando-se para acenar para Caleb com uma piscadela exagerada.

“Qual é o meu problema? Você deveria me agradecer. O garoto tem dezesseis anos. Estou te salvando de uma acusação de pedofilia.”

“Ah, fala sério. Eu só estava sentindo os músculos dele.”

Com um grunhido, levo as mãos aos ombros dela e a forço a sentar em um dos bancos.

“O que você... ei!”, ela grita.

Eu a ignoro enquanto luto contra sua juba.

Nunca fiz isso antes.

Eu tinha dezenove anos na única vez em que de fato notei o cabelo de uma garota. Era uma noite quente de verão quando finalmente consegui transar com Melissa Gilani depois de uma festa refinada dos pais dela. O cabelo de Melissa estava preso em um coque bagunçado, e ela adorou quando tirei lentamente os grampos e soltei os longos fios loiros, deixando que caíssem em seus ombros.

É claro que eu estava beijando seu pescoço enquanto isso. O que provavelmente ajudou.

Mas definitivamente não estou beijando o pescoço de Chloe Bellamy agora, e prender seu cabelo em um rabo de cavalo está

sendo muito mais difícil do que soltar o de Melissa naquela noite.

Chloe solta um grito agudo enquanto tento envolver aquele emaranhado com ambas as mãos e passá-lo pelo elástico que roubei da recepção.

Consigo dar duas voltas antes que ela se desvencilhe, embora haja tanto cabelo que não sei se seria possível dar mais uma mesmo que se mantivesse parada e dócil, duas palavras que acho que nunca vão se aplicar a Chloe Bellamy.

Ela se vira para me olhar feio, e eu retribuo. “Isso foi macho alfa o bastante pra você?”, pergunto.

Chloe estreita os olhos. “Eu sei por que fez isso.”

“Não temos tempo para psicologia barata”, digo. “É hora de treinar resistência.”

Ela continua falando mesmo assim. “Você está bravo porque apertei os músculos daquele fofo, e não os seus.”

Ah, meu Deus.

“Eu teria apertado seus músculos”, Chloe continua tagarelando, “mas não queria mexer no chumaço de gaze no seu braço direito. Imagino que seja resultado de uma briga com faca ou uma tatuagem que, como funcionário do clube, você teve que cobrir.”

É o segundo caso, mas, se ela não parar de falar, talvez haja uma briga de faca.

“Para de enrolar”, digo, me aproximando dela e imaginando quão inapropriado seria amordaçar alguém para ensinar o jeito certo de fazer agachamentos. “Vamos pra frente do espelho pra você conseguir ver o que está fazendo. Quero te ensinar a fazer

agachamentos e afundos direito, aí você vai poder repetir sozinha depois.”

“Como se isso fosse acontecer”, ela diz, e então me deixa levá-la até a parede de espelhos do outro lado da academia. “Posso ver sua tatuagem?”

De jeito nenhum. Fico ao lado dela, ambos encarando o espelho, seu rosto rosa e animado, o meu sombrio e carrancudo.

“Tá, faz o que eu faço”, digo, encontrando seus olhos azuis no espelho. “Vamos nos abaixar como se fôssemos sentar, mas sem desalinhar os joelhos dos dedos dos pés.”

Faço um agachamento para demonstrar. Em geral, uso pesos — muitos —, mas, como o músculo que Chloe está mais acostumada a exercitar é a língua, decido começar do começo. Do comecinho.

“Entendeu?”, pergunto, fazendo outro agachamento, já que ela não repetiu meu movimento.

Ela me observa pelo espelho. “Mais uma vez”, diz.

Obedeço, então desfiro uma série de impropérios porque Chloe Bellamy acabou de me dar um tapa na bunda no meio da academia lotada.

“Muito bom”, ela diz, parecendo surpresa.

“Chloe!”

Ela dá de ombros. “Você ficou tão chateado por eu ter apalpado aquele garoto e não você que eu quis te fazer um agrado.”

Por um segundo, tenho vontade de rir, o que me faz querer dizer a ela que o acordo está encerrado. Que ela pode voltar ao

seu antigo eu preguiçoso que se enche de chocolate, porque não sou do tipo que ri.

Não mais.

Chloe é diferente, e eu odeio isso.

Ela não é como as mulheres que me olham como um pedaço de carne, nem como as garotas apaixonadinhas do bar, que agem como se eu fosse sossegar assim que encontrar a pessoa certa.

E certamente não é como sua irmã, que sabe que é maravilhosa e pode só ficar esperando os homens chegarem nela.

Chloe é...

Nem sei dizer.

Ela solta um longo suspiro. “Desculpa por ter dado um tapinha na sua bunda.” Então, faz meio agachamento, bem rápido. “Assim?”

Encaro seus olhos azuis pelo espelho, assustado ao perceber que, sem o cabelo me distraíndo, suas feições até que são... não sei bem o quê.

Interessantes?

Atraentes?

Não sei se “bonitas” é bem a palavra.

“Não”, digo, irritado com o rumo que meus pensamentos tomaram. “Desce mais.”

Chloe tenta de novo, e eu mantenho a mão em seu ombro, forçando-a delicadamente a abaixar mais um pouco.

“Assim fica difícil”, ela protesta.

Dou uma risada sombria. “É mesmo. Essa é a ideia.”

Chloe vira a cabeça para me encarar, olhando diretamente nos meus olhos, e não através do espelho.

Então afasto a mão, meio nervoso, porque tenho a estranha sensação de que Chloe Bellamy sabe que, quando eu concordo que é difícil, não estou falando do exercício.

Estou falando da vida.

Da minha vida.

4

CHLOE

Amo a faculdade.

Passsei o último ano da escola irritada e rangendo os dentes porque Kristin ia para a universidade antes de mim.

Esse tipo de inveja era novidade para mim. Minha irmã e eu somos seres tão diferentes que, mesmo com apenas um ano de diferença (em geral uma receita para o desastre quando se trata de adolescentes, segundo dizem), nunca brigamos muito, porque, bom... pelo que brigariamos?

Eu não queria o gloss dela emprestado. Ela não estava interessada em tomar o meu lugar na equipe de debate.

Então a época na escola passou tranquila. Quer dizer, passou... sei lá.

Mas fiquei com inveja quando ela foi para a faculdade, porque sabia que aquilo era para mim.

Mesmo sabendo que provavelmente acabaríamos no mesmo lugar (sempre me interessei pela Davis, e Kristin também, assim como todos os Bellamy na história dos Bellamy) e eu teria que conviver com minha irmã mais velha, eu tinha toda a intenção de fazer aquilo acontecer.

E fiz.

Até agora, tem sido tão bom quanto imaginei, do primeiro dia ao estágio sensacional deste ano.

Rezei do fundo da minha alma para ter uma colega de quarto incrível, e o cara lá em cima não me deixou na mão. Tessa é um pacotinho ruivo incrível. Ano que vem vai ser o quarto (e último, snif!) ano que moramos juntas, mas nossa amizade não vai acabar aí.

O resto também veio fácil.

Tenho um grupo de amigos com quem posso contar. Amo tanto o departamento de biologia quanto o de economia e todos os professores.

Até conheci dois garotos que pareciam se interessar pela minha esquisitice, saí com eles por um tempo, perdi a virgindade com um e acabei dando um pé na bunda nos dois, porque, bom, continuo meio que vidrada em você sabe quem.

E é esse você sabe quem que me leva ao lado ruim da vida universitária: a fase agri-doce conhecida como férias de verão.

Isso porque Cedar Grove é para onde costumam se mudar os ricos de Dallas.

Fica a apenas vinte e cinco minutos da cidade, perto o bastante para seus residentes poderem continuar acreditando que são cosmopolitas quando querem e longe o bastante para garantir que são a elite quando querem.

E, na maior parte do tempo, eles querem a segunda opção.

Enfim, a questão é: poucos jovens de Cedar Grove conseguem trabalhar no verão enquanto estão na faculdade, como costuma acontecer em outros lugares.

A maioria dos pais repete a máxima “vai ser bom pra você ter um emprego de verdade”, e em resposta nos oferecemos para trabalhar no cinema e na única sorveteria da cidade. Mas não há muito espaço para acomodar a força de trabalho de junho a setembro, já que a maior parte das vagas é ocupada por pessoas que de fato precisam de um salário.

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

00000>